Carta da Despedida

Virgínia Jorge

Machico, Dezembro 1999

A quem ler estas palavras é sinal que esta carta sobreviveu às marés e às tempestades. É evidência que nem tempo nem espaço conseguiram apagar o pouco que restou de mim. Bendito seja o universo, os deuses, Deus ou nada.

Acaso ou coincidência tu, homem ou mulher, novo ou velho, tens nas tuas mãos aquelas que são as minhas últimas palavras. E com isto informo que estou morta. Sim isso mesmo. Quando chegar ao final desta carta irei saborear pela última vez o meu vinho favorito enquanto admiro esta terra, que me viu nascer, e findar com todo o sofrimento.

Nada de aflição. Tudo está pensado ao pormenor. Será rápido e indolor. E a morte abraçar-me-á. Como eu anseio por ela. Quando a ver dançaremos juntas a última balada. Será lindo e poético. Nascemos para morrer mas eu nasci para deixar estas palavras. Para que a minha história, a minha luta, sejam recordadas. E que outros não venham a sofrer como eu. Seria trágico. Seria sinal de que nada valera a pena. Que a minha existência fora insignificante.

Não sou crente, no entanto acredito na humanidade. Na capacidade do homem mudar o mundo para melhor. Acredito no bem. Nos corações puros. No genuíno. Isso é que me moveu durante anos. A crença de que podemos deixar uma pegada que sirva de exemplo para os outros e tornar este nosso mundo, este nosso lar, no paraíso. O jardim do Éden em vida.

Não sou de religiões. A religião corrompe a essência do homem. Aniquila a liberdade. Subjuga o homem ao seu igual. Deturpe o pensamento. Enaltece o individualismo. Torna-nos desiguais.

É curioso ver como a teoria é tão díspar da prática. Lembro-me de ser criança e ir todos os dias à igreja no centro da cidade com a minha avó. Todos sem exceção batiam com a mão no peito a pedir perdão pelos pecados. Prometiam comportar-se bem assumindo que se assim o fizessem teriam a salvação eterna e nisto saíam do templo esqueciam as palavras anteriormente ditas, porque palavras levam o vento, e voltavam a pecar. Se ninguém visse menos mal caso contrário lá teriam que confessar ao pároco o mau comportamento, ou como diziam o pecado.

Pecado. O que é pecado? Que palavra verdadeiramente curiosa. Mais curiosa será decerto a mente que a criou. Que arquitetou tamanho projeto. Com isso fez xeque-mate com a humanidade. Criou um mecanismo condicionante de conduta humana, ou seja estabeleceu um elo de dominação entre os homens. Sendo que uns tinham o poder de dizer o que era e o que não era pecado. E assim nasceu a moralidade e os bons costumes.

Para quem está a escassos metros da morte devia ter outro discurso, porém ela não me assusta mais. O medo desapareceu no dia que assumi que antes da passagem do milénio sucumbiria.

Antes que chegue ao fim terei que contar a minha estória. Desde o início. Uma estória banal em todo o caso das banalidades nascem maravilhas. E eu sei que da minha estória, da minha passagem terrena, milagres aconteceram.

Nasci no dia que este país conheceu a liberdade. Era Abril de 1974. Enquanto a minha mãe agonizava de dores para expulsar-me do seu ventre na capital os soldados deitavam abaixo o regime. Findava a ditadura. Nascia a liberdade.

Para o meu pai era o dia mais feliz da sua vida. Não só porque eu nascia, a sua primeira e única filha, mas também porque a sua nação renascia. As correntes da opressão finalmente eram destruídas e o poder emanava do povo.

Aquele dia foi o momento em que a justiça foi feita. Por todos os jovens que em África ficaram a liberdade vencia. Pelo irmão do meu pai era dia de recordá-lo. O jovem que queria ser médico mas que uma bala trespassou-lhe o ventre e desfez todos os seus sonhos. Não só ele morreu como também a mãe e a noiva. O desgosto foi tal que elas foram sucumbindo à dor e num dia, um comum dia, fora o último para ambas.

O meu pai na altura já casado com a minha mãe ficou órfão. Já não tinha pai há muito. O único irmão morrera. E por fim a mãe. Estava só no mundo. Não tinha mais família de sangue. Estavam todos longe, emigrados, espalhados por esse mundo fora. Cada qual fugiu como pôde à ditadura e à pobreza que estavam em todo o lado. Fugiam da indignidade humana. Fugiam daquilo que nenhum ser humano deveria passar. Procuravam justiça, bem-estar e segurança. Um a um, desde os primórdios do século, foram abalando de Machico, terra que os tinha visto nascer, para longe bem longe. Uns foram para o Brasil, outros para Venezuela, uns ainda para a América, Curaçao e África do Sul. Nunca mais voltaram. E as cartas que eram regulares deixaram de o ser. Os laços foram desaparecendo até que não houberam mais notícias de além-mar.

No dia que a minha avó morreu o meu pai recebeu a notícia que eu vinha a caminho. Enquanto o caixão da mãe descia à terra no ventre da esposa crescia a filha. Com toda a certeza aquele homem naquele momento tinha um misto de sentimentos no coração, que tanto o oprimiam como o soltavam. Não sei como não enlouquecera. Possivelmente por ter guardado para si todas aquelas emoções no dia que o sol brilhou mais alto neste país, o dia em que nasci, a primeira coisa que fez foi mergulhar naquelas cristalinas águas que sempre banharam a minha terra.

A partir desse dia a vida do meu pai ganhou nova cor. Opositor clandestino do regime, simpatizante do partido comunista e ateu pôde finalmente expor aquilo que pensava sem estar escondido sob um pseudónimo.

Cresci a vê-lo escrever. Quando não estava a lecionar na escola primária encontrava-o sempre no quarto a escrever junto à secretária. Eram poemas. Os livros iam sendo publicados a custo. A crítica era boa no entanto o reconhecimento nunca veio. O meu pai costumava brincar dizendo que a condição de ilhéu não o deixava brilhar. Durante anos escreveu o seu único romance. Nunca o publicou nem deu a ninguém para ler. Na véspera da sua morte mostrou-me o manuscrito. Queria que eu o lesse e depois se quisesse e achasse que valia a pena divulgá-lo. Não pensei duas vezes. Fi-lo! Foi um sucesso e o reconhecimento surgiu *post mortem*.

Se fosse crente como a minha mãe diria com toda e qualquer certeza que lá do alto ele está a par do que se passa aqui em baixo e que por toda a parte o seu nome é conhecido. Infelizmente não consigo ser crente por isso é que acredito piamente na injustiça da vida. O meu pai que tanto lutou pela dignidade humana teve um fim indigno. Numa cama no corredor do hospital sucumbiu após tantos anos de luta. Era 1989 e a União Soviética colapsava.

Ao contrário do meu pai a minha mãe tinha outras vivências. Como diria Ortega “*o homem é o homem e a sua circunstância*” e a minha mãe era e bem fruto de tudo o que havia vivido. Não posso culpá-la. Na verdade ela fora uma mártir da vida. Até conhecer o meu pai ela era vítima das escolhas dos outros. Era o pai que ditava cada passo dela e da minha avó. Ambas viviam num medo constante que aquele homem autoritário se revoltasse contra elas. Não ousavam questioná-lo em nada. Homem do regime e da Igreja era conhecido como sendo um bom homem. Só em casa é que mostrava o diabo que era. Quando descobriu que o meu pai andava a rondar a minha mãe decidiu mandá-

la para a cidade para um colégio interno de freiras. Não se importava que a sua filha dedicasse a vida a Deus. Não se importava que não houvesse descendência. Parecia estranho aos seus conterrâneos. A única filha que poderia dar-lhe netos remetida para um convento. Não sabiam porém que aquele homem, que todos os domingos ia à missa bater no peito e pedir perdão a Deus, que dava esmola aos pobres e que praticava escrupulosamente todos os desígnios estabelecidas pela Santa Sé, tinha mulher e filhos na cidade.

Tudo poderia assemelhar-se ao romance, de Camilo Castelo Branco, A Queda de um Anjo, no entanto não poderia afirmá-lo já que o pai de minha mãe sempre fora, do momento em que abriu os olhos para o mundo até ao dia que os fechou, um vil homem. Poderei apenas mencionar com toda e qualquer certeza que cada passo dado foi abrindo cada vez mais o abismo a seus pés.

Quando o meu pai descobriu que a amada encontrava-se desterrada na cidade num convento de freiras não pensou duas vezes. Na verdade diria que agiu por loucura. O medo de perder aquela frágil mulher toldou-lhe o pensamento. Usou os contactos que detinha junto dos camaradas e numa noite raptou-a daquele purgatório.

Fugiram para a costa oeste e lá ficaram até ao dia que receberam a notícia da morte do pai de minha mãe. Ele que queria a todo e qualquer custo matar o meu pai acabou por sofrer do seu próprio veneno.

Sete dias após a fuga do jovem casal o esconderijo fora descoberto e delatado. Ninguém nunca soube quem o fez e porquê o fez. Apesar de todos os cuidados que os meus pais tiveram era praticamente impossível ocultar aquela situação toda ela pitoresca. Na hora que o pai de minha mãe soube onde a filha se encontrava dirigiu-se para lá sedento de justiça. Aquele vexame que a filha o tinha colocado teria consequências gravosas. E ele estava desejoso de puni-los. A escassos quilómetros de chegar ao Paúl do Mar foi surpreendido por um deslizamento de terras. Ele juntamente com o carro foram arrastados para o mar. Rumaram à profundidade do oceano. Uma alma tão vil só poderia caminhar para a mais profunda escuridão. Nunca encontraram o corpo. Não foi feito velório. E os meus pais regressaram a Machico.

No dia que a minha mãe reencontrou a sua foi também o dia em que à porta de casa apareceu uma jovem mulher com três crianças. Era a outra mulher. Professora na escola inglesa. Tinha quase idade para ser filha dele. Estava ao corrente do que havia

acontecido e vinha exigir os seus direitos. Não consigo imaginar que pensamentos correram na cabeça da minha avó mas tenho a certeza que aquele foi o dia da gota de água. Foi o momento de libertação de toda uma vida submissa a maus tratos psicológicos e físicos. Lembro-me quando ela dizia que o pior de tudo não era levar com uma mão na cara mas sentir a opressão, o pânico e o medo todos os dias. Era deixar qualquer um à beira da loucura.

Naquele dia, a minha avó que tinha idade para ser a mãe daquela mulher correu-a de casa. Não sei o que terá dito nem nunca a minha mãe e o meu pai que assistiam à cena algum dia ousaram contar. O certo e sabido é que nunca mais ninguém ouviu falar daquela mulher e das três crianças. Não sabem se ficaram na cidade ou se saíram da ilha.

Não houve luto para fazer com a morte do pai da minha mãe. A minha avó recusou usar preto. Dizia que no coração havia alegria não tinha porque contrariá-lo. A sua postura poderia provocar algum choque, no entanto as inúmeras estórias do seu defunto começaram a germinar. Umas mais escandalosas que outras. Pecado atrás de pecado. A imagem de santo ruía a olhos vistos. Pena que ele já não se encontrava vivo para verificar como o seu nome era ridicularizado e desprezado pela comunidade.

Como não acredito nessa caricata estória da vida eterna acho que a morte dele não foi nada justa. No fim de contas ele não recebeu por todo o mal que causou. Todo o sofrimento, angústia e maus tratos ficaram impunes. E isso é lamentável. A minha avó dizia sempre o contrário. Acreditava piamente que o seu defunto estava a arder no fogo do inferno e que não haveria outro lugar melhor para ele.

Cerca de um mês depois de tudo o que aconteceu os meus pais casaram na igreja. Apesar do meu pai ser ateu, um ateu batizado como muitos outros, decidiu fazê-lo pela minha mãe. O seu grande e eterno amor.

Foi uma cerimónia muito simples e apenas com os mais próximos, que eram bem poucos. Na vida não importa estarmos rodeados de muitas pessoas ou de poucas basta que as que estão sejam leais e companheiras. Isso vale mais que qualquer quantidade.

Cinco anos depois após sucessivos abortos e quando já os meus pais haviam perdido a esperança de conseguirem procriar eu nasci. A minha avó dizia que era milagre. Que as suas rezas finalmente tinham dado resultado. Que a sua santa havia escutado aquela sua humilde fiel. Já o meu pai tinha outra explicação para o sucedido. Resumia a uma só palavra, nervos. No momento em que assumiram que não era possível e aceitaram

tal premissa foi também o momento em que deixarem de alimentar a ansiedade, foi o momento que o corpo relaxou e foi a oportunidade que se abriu.

Aqueles anos foram na verdade uma época de muita reviravolta na vida dos meus pais. Houve perdas e derrotas mas também muitas janelas que se abriram para projetos maiores. Nenhum deles desistiu. Cada um foi o amparo do outro à sua maneira. E isso fez com que fossem companheiros de jornada. Eles eram diferentes mas no seu jeito complementavam-se de uma forma única e delicada. Havia muito respeito e amor um pelo outro.

Vivemos tempos felizes.

Recordo com carinho todas as memórias da minha infância. Daquilo que éramos juntos, eu, o meu pai, a minha mãe e a minha avó. É pena que por vezes só nos apercebemos da existência da felicidade quando ela por nós passa. Tenho certeza que naqueles longos anos da minha meninice não tinha noção da plenitude que era a minha existência. De como era bafejada pela leveza. Como os meus dias eram repletos de amor. Muito amor.

No dia que cheguei a casa e não vi a minha mãe foi o dia que os meus olhos se abriram para a vida. Foi o dia de um novo nascimento. Foi a perfeita iluminação no meu caminho de quão dura chega a ser a nossa caminhada. Eu tinha dez anos.

A minha mãe há muito que sabia que estava doente, porém guardou aquele segredo para si e para o meu pai. Não queria preocupar-me nem à minha avó. Saiu da vida da mesma forma como entrou de mansinho. Ainda não tinha quarenta anos.

A minha avó caiu num silêncio angustiante. Penso que o único motivo que a manteve presa à terra foi a minha existência, caso contrário também ela teria rumado para a eternidade. Por momentos a sua fé vacilou, porém recordo o dia em que o médico que tratou a minha mãe foi lá a casa. Após longa conversa com ele a minha avó encontrou paz. A sua fé como que renasceu como uma fénix. Acreditava que a minha mãe estava num bom lugar, a descansar e a olhar por nós. Saber que ela já não sofria e que até tinha tido uma boa morte deixava-a um tanto consolada. Ainda assim era sempre uma injustiça. Nenhum pai ou mãe estava preparado para ver o filho ou filha partir primeiramente independentemente das circunstâncias em que sucedia. A lei natural era os progenitores abraçarem esse caminho muito antes das crias. Era assim que devia ser sempre... Mas por vezes a vida era traiçoeira.

Durante anos não sabia se o meu pai chegou a sentir revolta ou se simplesmente aceitou aquele triste fado sem questionar. Só mais tarde, muito mais tarde, quando ele entrou na terceira idade é que um dia decidiu abrir-se comigo e falar de tudo o que sentiu com a perda da minha mãe. A revolta veio tarde. No momento em que saí de casa, já a minha avó tinha falecido, e ele viu-se entre quatro paredes. Aí foi o momento da dor. De profunda injustiça perante a vida. Aquele momento era necessário para que o meu pai mantivesse a clarividência e continuasse a caminhada. Continuasse a viver.

Até a minha ida para a capital para continuar os estudos vivíamos nós os três. A minha avó, o meu pai e eu. O país tinha evoluído de uma forma estonteante. Eram outros tempos. Tempos modernos como diria a minha avó. E havia que habituar-se porque tinham vindo para ficar.

No dia que parti para a universidade a minha avó foi comigo e o meu pai ao aeroporto despedir-se. Recordo como chorava. No momento em que me abraçou e deu a sua bênção senti que era a última vez que a via. Penso que ela deve ter sentido o mesmo. O seu olhar... Nunca mais consegui esquecer. Tenho aquele momento na minha mente e sempre que sinto medo em avançar recordo das suas palavras:

“ – Tenho tanto orgulho em ti minha querida neta.”

Se pudesse fazer o tempo voltar para trás daria qualquer coisa só para voltar a sentir aquele abraço. Aquele infinito abraço. A minha avó foi a minha segunda mãe e não poderia ter tido melhor. Foi verdadeiramente o meu amparo durante toda a minha juventude. Sinto pena que o melhor de mim ela não vislumbrou. A sua morte, mais que a da minha mãe, provocou uma mágoa tão grande, mas tão grande, que penso que nunca consegui recuperar. Ela era a minha melhor amiga. A minha força. A minha tranquilidade. Sem ela senti desamparo e vazio. Nada mais foi como antes.

Não quero que quem leia esta carta pense que não amava a minha mãe. Claro que amava. Era a minha mãe, no entanto a ligação que detinha com a minha avó era mais profunda. Eu era o seu sol ela era a minha lua. Por isso a sua morte abalou-me de uma forma tão intensa e tão trágica que pensei que nunca recuperaria.

Para fugir da dor dediquei-me de corpo e alma ao curso. Foquei-me apenas e só no trabalho. Abstrai-me de qualquer relação humana que pudesse fazer com que perdesse o foco. Queria chegar onde ninguém da minha família havia chegado. Queria sentir que tinha valido a pena aquela caminhada tormentosa.

Quando acabei o curso comecei logo a trabalhar na capital para a estação pública. O meu sonho concretizava-se finalmente. Graças a isso corri o mundo. Sempre dando voz aqueles que não a tinham. Mostrando ao mundo os horrores do mundo. A dor dos pobres, oprimidos e famintos. Essa era a minha missão. Acreditava piamente que estava a dar um passo para mudar algo. Cria que assim alterava mentalidades. Tinha plena convicção no poder da imagem para destronar velhos dogmas.

Durante anos e anos trabalhei como uma louca para acabar com as injustiças. Esse era o meu lema. Um mundo mais justo, mais igualitário e mais livre. Um mundo onde não houvesse discriminação. Onde as diferenças fossem valorizadas e não impedimentos para qualquer ser. Onde o lema “todos diferentes todos iguais” fizesse cada vez mais sentido. Um mundo que estabelecesse na prática a carta das Nações Unidas para os direitos humanos.

Como podemos ser tão ingênuos quando sonhamos? Como estava eu iludida... Plenamente iludida. Quando abri olhos era tarde de mais. Já caía na roda-viva da queda. E não estava preparada para isso. Juro que não estava.

O trabalho durante anos inebriou-me os sentidos de tal forma que nem verifiquei a modos que o perigo rondava a olhos vistos o meu espaço. Sim ele lá estava. Sempre estivera. Porquê somos o único animal que invés de fugir do perigo vai contra o mesmo? Esta tentativa absurda de tentar a vida é de loucos. No mínimo é de loucos. Porquê esta necessidade que temos de sentir que estamos no limbo? Que a linha que separa a vida da morte é tão ténue. Num momento estamos aqui no outro já não. E andamos quotidianamente a brincar com isto.

E foi o que eu fiz.

Tanta luta, tanta garra, tanta astúcia começou a incomodar.

Tudo culminou quando no outono de 1994 recebi na redação um telefonema. Era uma mulher. A voz assustada. Falava pausadamente. A respiração ofegante. Dizia que já não aguentava que tinha que falar. Sabia que corria risco de vida ao fazê-lo mas tinha que ser. Sabia ainda que eu era filha da terra e que certamente iria investigar. Era um escândalo. Um verdadeiro escândalo o que se passava. E do nada a linha cortou-se. Silêncio do outro lado.

Durante dias fiquei a espera que aquela mulher retornasse a chamada. Esperei incansavelmente pela chamada que não veio. Por fim esqueci o caso. Cheguei mesmo a pensar que seria alguma partida de mau gosto. O normal no mundo do jornalismo. Pessoas a quererem tempo de antena para aparecer. Uns meros minutos de fama. Como se com isso ganhassem a imortalidade. Ou melhor como se esses breves milésimos de segundo fossem o Santo Graal das suas vidas.

Nessa altura rebentava o conflito na Chechénia e fui chamada a ir para o teatro de guerra cobri-la. Eu e António, o operador de câmara, já estávamos familiarizados com aquelas situações porém era sempre um choque. Era como levar um murro no estômago de todas as vezes que deparávamos com os chamados danos colaterais. No fim de contas eram os civis e apenas os civis os que mais sofriam, especialmente as mulheres e crianças.

Foram semanas extremamente exaustivas. Quando finalmente regressámos tinha planeado fugir para o Corvo. Queria paz e acima de tudo sossego. Quanto menos pessoas visse melhor seria e melhor estaria.

Mal aterramos em Lisboa tinha Matilde, colega de redação, no aeroporto à espera. Dizia que era demasiado urgente. Não havia tempo a perder. Tinha que ir prontamente para a redação. Só pensava porque diabo todo aquele alarido. Eu só queria uns meros sete dias para descansar e cada vez mais estava a vê-los longe, bem longe. Tal e qual uma perfeita miragem no deserto.

Qual não foi o meu espanto quando na redação tinha a mulher da chamada. Sim ela mesmo. Aquela que semanas antes tinha ligado e mencionado que tinha uma bomba para contar. E na verdade tinha... Daí o entusiasmo de Matilde.

Não descansei. Comprei logo viagem para a Madeira. Regressei a casa. Comecei a investigar. Mal sabia o que iria encontrar.

Para todos os efeitos e para que não levantasse suspeitas, quer na capital quer na ilha, estava em repouso. Os traumas e o stress de cobrir *n* de conflitos vinham ao de cima como uma catapulta e urgia parar. Com esta justificação ninguém estranharia o motivo da minha longe permanência na ilha.

Apenas o meu pai, o meu estimado pai, desconfiou. Sabia que era impossível um bambu quebrar, mas nada disse. Paciente aguardou que fosse eu a comunicar os motivos por detrás daquela visita repentina.

Passaram os dias e as semanas.

Comecei a seguir as pistas que aquela mulher havia dado. A ser verdade o que ela havia contado tinha uma grande história por desvendar. A ser verdade...Claro está. Tinha que ser cuidadosa. Não podia pisar o risco. Não podia cair no abismo. Qualquer passo teria que ser certo e firme para chegar ao bom porto.

No fundo o que aquela mulher queria era fazer justiça. Queria que todos aqueles meninos não ficassem esquecidos nos becos da vida. Queria que aquelas existências, aquelas miseráveis existências, não tivessem sido em vão.

O que diverge a existência de cada qual? Como podemos avaliar que uma valeu a pena e outra não? A existência, essa bênção, deveria ser simples. Sem amarras. Sem condicionantes. Apenas viver. Pura e simplesmente viver. Contrariamente tudo é demasiado complexo. Onde deveria haver luz há escuridão. Onde deveria haver acalmia há tempestade. Onde deveria haver cheiro de alecrim há cheiro a podridão.

Foi com esta agonia, esta sensação de sufoco e de profunda consternação, que decidi abarcar naquela aventura. Tinha que fazer algo. Mesmo que isso viesse a custar-me caro, muito caro. Só mais tarde é que apercebi-me.

Todos os dias ligava a Matilde. Colocava-a a par de todos os avanços. Já tinha conseguido entrar em contacto com a família de três meninos. Faltavam outros cinco. Ao todo eram sete. Sete meninos a quem a infância havia sido ceifada.

Esse número sagrado era na verdade um número maldito.

Se ao sétimo dia Deus descansou nenhum dos sete teve descanso. Conheceram o inferno a partir do momento que colocaram os pés no seminário. E nunca mais foram os mesmos.

A minha fonte era irmã de um padre. Quando descobriu que o belo irmão não passava da personificação de Dorian Grey, criação de Oscar Wilde, não pensou duas vezes. Fez as malas e fugiu. O nojo, a vergonha e o medo tomaram conta dela. Quando se viu longe com um mar a separá-la do irmão é que começou a refletir. Algo tinha que ser feito. Não podia se deixar paralisar. Existiam inocentes a sofrer.

Pensou em dirigir-se as autoridades, no entanto refletiu. Com que base poderia afirmar o que sabia? Acreditariam nela? Acusariam de difamação? Tinha plena consciência do emaranhado que eram as ligações de poder. Sabia também que era do

conhecimento do irmão que ela estava em Lisboa. Tinha que ser cautelosa. Muito cautelosa.

Por isso ocorreu à redação. Sabia que eu pegaria num caso daqueles.

E daria o meu melhor.

E foi isso mesmo o que fiz.

Corri cada paróquia à procura das famílias. Todas elas do norte da ilha. Pessoas humildes, muito humildes. A maioria sem estudos. Trabalhavam na terra. Tinham gado. Viviam cada dia pacatamente. Eram crentes. Acreditavam na Igreja, na santa e una Igreja. Como se alguma vez tivesse sido.

Aquelas pessoas eram o que mais convinha. Era a assunção da perfeita ignorância. Gado manso bom para governar. Para obedecer. Para manipular.

Infelizmente o país estava cheio de pessoas assim. O *status quo* mantinha-se. Um país de iletrados. Quanto mais o fossem melhor para as classes governantes. Para aquelas que detinham poder. Porque tudo faziam, tudo atentavam e os pobres diabos nada diziam, não se ressurgiam, apenas aceitavam. Como se o mando viesse das alturas, do omnipresente e omnisciente.

Onde estava ele quando aquelas sete crianças eram abusadas pelos seus servos? Por aqueles que se diziam os seguidores de Cristo? A jogar xadrez com o anjo caído? Onde é que estava?

Ninguém sabia dar essa resposta. Ninguém sabia acalantar a minha alma. Uma alma em fúria e sedenta de justiça. Eu queria fazer o que as autoridades não fizeram e nem faziam. E pensava porque não podíamos fazer nos próprios a justiça. Porque era crime tal coisa? Porquê? E ninguém respondia. Ninguém.

Apenas o mar escutava a minha tristeza, a minha angústia o meu tormento. Apenas o mar. O mar da minha cidade. O mar de Machico. Foi numa dessas tardes de divagação desenfreada que assumi que tinha que contar tudo ao meu pai. Apesar de velho a sua clarividência era de tal ordem estonteante que saberia com toda a certeza como me aconselhar.

A investigação ia no bom caminho. Já tinha entrado em contacto com todas as famílias. Sabia o paradeiro de todos os meninos, entretanto adolescentes. Sabia ainda onde se encontrava cada padre. Só faltava o que fazer com tudo aquilo.

Divulgar ou expor às autoridades? Tinha consciência das consequências que teria uma notícia daqueles especialmente para os meninos. Sabia que todo o país ficaria a saber as suas identidades. Tinha consciência dos inconvenientes que isso poderia afetar nas suas vidas. Por isso teria que pensar e muito no que fazer.

Não queria causar dano, ainda mais dano, àqueles seres dilacerados pelos traumas da infância que não tiveram. Dos anos de dor e pânico. Das noites mal dormidas. Das camas molhadas de urina. Dos vômitos. Das marcas no corpo. E pior que tudo das marcas na alma.

Ia inebriada nestes pensamentos que não estranhei que ao entrar em casa a portada estivesse toda escancarada. Não estranhei não escutar o ladrar do Brutus sempre que me via. E não estranhei ainda não escutar música clássica do gramofone do meu pai.

Aquele momento foi tal e qual como o pequeno instante em que a anestesia deixa de surtir efeito. Ora não sentimos ora passamos a sentir.

Lá estava ele. O meu pai. O meu querido pai. Sentado na sua poltrona. O livro aberto sobre o colo. A cabeça caída. Parecia que dormitava. Tinha um ar sereno. Parecia em paz. Acerquei-me dele. Toquei no ombro. E o corpo tombou.

Morto. Estava morto.

Chamei os bombeiros. Veio a polícia. Chegou o médico legista. Foi declarado o óbito. A autópsia foi feita. Overdose de medicamentos. De forma abrupta recebi a notícia. Suicídio. Era assim que as autoridades resumiam o caso. O meu pai quisera matar-se. Não haviam sinais de arrombamento nem de violência. Nada havia sido roubado. Caso encerrado.

No dia que o meu pai rumou à terra chovia. Chovia e muito. Era dia de tempestade, mas isso não impediu que amigos e conhecidos viessem prestar a sua última homenagem. Não houve missa. Ateu como o meu pai era seria um ultraje fazer uma missa.

Senti-me terrivelmente só. O cordão umbilical fora finalmente cortado. Não tinha ninguém no mundo. Abraçava a orfandade e o sentimento não era nada mas nada agradável.

Um pensamento não saía da minha cabeça. Não acreditava que o meu pai havia tentado contra a vida. Ele que era um autêntico pró-vida em momento algum faria uma coisa dessas. Nunca!

Tinha plena convicção que estava perante algo muito mas muito dantesco. O meu pai fora uma vítima da investigação que estava a fazer. Ignorei por completo todas as ameaças que fora recebendo. As cartas anónimas, os telefonemas e até mesmo as perseguições. Como pudera ser tão estúpida quando o que tinha em mãos era na verdade uma bomba?

No dia em que deixei o meu pai no cemitério e rumei a casa encontrei-a completamente revirada. Estava toda revirada do avesso. Quem tinha lá estado estava certamente a procura de algo e como não encontrou deixou o bilhete com a ameaça.

Nessa mesma noite saí de Machico, fui até ao aeroporto comprei viagem e regressi à capital. Toda a minha investigação estava segura com Matilde. Talvez teria sido o sexto sentido a avisar que algo aconteceria e enviei nas vésperas do falecimento do meu pai tudo o que tinha para a minha companheira de redação.

Naquele momento eu só queria uma coisa. Vingança. Vingar a morte do meu pai. Eu sabia quem tinha sido o culpado e iria capturá-lo desse por onde desse, no entanto antes disso começaria a guerra.

Deixei-os pensar que me tinham metido medo. Que com o pânico fugira para Lisboa. Deixei que pensassem que tinha desistido da investigação. Que não iria contar aos pais os abusos que aqueles meninos tinham sofrido no seminário. Deixei-os pensar que a vitória estava do seu lado. Esperei. E tal como as melhoras da morte três meses depois tudo colapsou.

A reportagem saiu.

De norte a sul ninguém falava noutra coisa. Crianças abusadas por padres. Os servos de Deus afinal eram os servos do Diabo. Novos casos foram surgindo. O medo parecia que desaparecia. As pessoas revoltavam-se.

Não queriam aquilo. Não! Em momento algum. Nunca mais.

A minha fonte nas vésperas da reportagem sair foi para o Brasil. Queria estar longe. Queria esquecer o seu sangue, a sua história enfim a sua vida. Possivelmente adotaria outra identidade e começaria uma nova vida. Antes de partir decidiu dar-me um presente.

O irmão certamente deixaria o seminário para se refugiar no norte da ilha. Uma casa escondida na Santa, no Porto Moniz, que havia pertencido aos seus antepassados. De

certeza que iria sozinho para lá, enquanto os seus dois comparsas conheceriam o calvário, já que eram arraia-miúda do clero. No momento em que deu-me a chave chegou-se ao meu ouvido e pediu que fizesse justiça pelo meu pai.

Ela sempre soube tal como eu.

O vice-reitor do seminário era na verdade o assassino do meu pai. Ela só soube porque identificou a letra na carta com a ameaça que ele deixara no dia que matou-o. Esse foi o seu erro.

No dia que a reportagem estava a ser impressa eu estava a minutos de aterrar na Madeira. Aluguei um carro e rumei ao norte. Tinha tudo planeado. Naqueles meses havia treinado fisicamente e psicologicamente. Não podia vacilar. Em momento algum. Era a honra do meu pai que estava em jogo.

Esperei um dia, dois e três. Ao fim do terceiro ele chegou. Já eu estava instalada na casa. Escondida no sótão.

Nessa mesma noite após o jantar desci pé ante pé. Ele estava sentado na poltrona, a televisão ligada e no noticiário só falavam da pedofilia na Igreja, com um cálice de vinho tinto na mão. Os olhos fechados. Estava sereno. No momento que ultrapassei a porta ele abriu-os e ficou a olhar para mim. Já tinha a arma apontada para ele. Não vacilei. Puxei o gatilho. Ele continuou a olhar e nada disse. Três tiros. Matei-o e não me arrependo.

Eu que tanto lutei pela verdade e pela justiça no mundo sofri o pior golpe possível. Vi os meus partirem pelos meus atos como represália. Dói. Doí muito, mas a verdade e a justiça têm que ser máximas na vida de cada qual. Como diria Francisco Álvares de Nóbrega, poeta madeirense de origens em Machico, *“das almas grandes a nobreza é esta”*.

O meu pai era um homem desse calibre. Lutou sem cessar pelos dogmas da revolução francesa. Lutou e não parou de lutar. A ele saí. Lutei. Vinguei a sua morte. Fiz justiça dando voz aos que não a tinham. Agora resta-me partir. Não vou deixar que este cancro corroa-me os ossos. Ainda hoje esta carta será jogada ao mar. E hoje quando fechar os olhos será para a eternidade. Na mesma casa onde morreu a minha mãe, a minha avó e o meu pai. Parto com a certeza que vim de uma nobre família. Que a minha alma é tão grande por tê-los aos três, os meus pais e a minha avó, para sempre comigo. Parto com a crença de que vivi e com isto me despeço.

A quem ler estas palavras por favor viva. Viva e muito! Para quando a hora final chegar esteja satisfeito com tudo o que foi vivido e possa dizer:

- *Vou descansado!*